BOILLET, Élise; RIDEAU, Gaël, dir.
La visibilité du religieux dans l'espace urbain de l'Europe moderne.
Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2021. 384 p. ISBN: 978-2-7535-8200-2

MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES
Universidade do Porto, Instituto de Filosofia
https://orcid.org/0000-0002-0787-2974

doi: https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.15989

Esta coletânea de estudos diversificados, multidisciplinares e complementares entre si, visa apresentar e discutir as múltiplas facetas dos signos que tornam a religião visível no espaço público urbano, a extensão dos cultos e das práticas que a manifestam. Mas dá igualmente realce aos significados da invisibilidade do religioso, naquilo que tem de individual, de interiormente vivenciado, de não público.

Organizada em quatro partes, sendo a primeira sobre a «visibilité du religieux et identité urbaine», a segunda sobre a «visibilité en conflits», a terceira sobre «visibles réinterprétés» e a quarta sobre «métaphores urbaines et frontières du visible», conta com a colaboração quase três dezenas de autores e com um prefácio (um «Avant-propos») de Élise Boillet, com uma introdução e uma síntese conclusiva de Gaël Rideau que, na sua conjugação e complementaridade, sistematizam a diversidade de questões, de perspetivas e de problemas teóricos e metodológicos que esta rica problemática levanta para a compreensão da Época Moderna europeia. Do conjunto dos estudos emerge com clareza o quanto, na construção do visível – e das suas polissemias –, se entrecruzam práticas, discursos, ritos e imagens que expressam a grande diversidade do fenómeno religioso, tanto do ponto de vista teológico, doutrinário ou dogmático, quando litúrgico, cultual ou pastoral, ritual, cultural e também artístico.

No espaço urbano, como bem mostrou Gaël Rideau, «la religion dessine des lieux, des objets, des moments» (p. 14), contribuindo para qualificar os espaços, mas também para lhe conferir sentidos «invisíveis» e para ligar mais profundamente a religião à identidade do local. Três dos estudos da primeira parte incidem sobre essa visibilidade em cidades «santas» ou simplesmente católicas, como Friburgo (por Sarah Pflug), ou diversas cidades francesas, inclusive da periferia de Paris, nos séculos XVI-XVII (por S. Simiz e N. Guyard) ou mesmo Lisboa (por P. A. Mendes). No quinto estudo, P.-A. Fabre, partindo de duas premissas relativas aos objetivos e ação da Companhia de Jesus através dos seus colégios, examinou a visibilidade decorrente de três domínios de intervenção: a escrita, a imagem e o teatro, todas partilhando a fonte comum dos *Exercícios Espirituais*. Realce especial merece a exemplificação do papel da escrita na narrativa da fundação do colégio, que o autor explorou recorrendo à análise da longa carta de Nadal sobre a fundação do colégio jesuíta de Córdova (e depois outros), que permitiu evidenciar a importância dada à visibilidade do colégio jesuíta na(s) cidade(s). No seu conjunto, ainda que partindo de focos ou prismas distintos, estes estudos evidenciaram as complexas relações entre a visibilidade do religioso e a identidade urbana que dela resulta ou que com ela se constrói.

Mas essa visibilidade também se alimentou, sobretudo a partir dos anos vinte do século XVI, de conflitos ou das disputas religiosas que elas criaram ou potenciaram. Assim sucedeu em diversas cidades reformadas, na Suíça e na Alemanha, que logo nesses anos vinte do século XVI enfrentaram a topografia sagrada e o culto das imagens, fecharam ou modificaram

significativamente o interior de igrejas e de outros lugares de culto e oração, assim como os seus usos religiosos. Consequentemente, conduziram a uma nova «gramática visual» de cidades como Berna ou Basileia (como mostrou F. Fluckiger). No âmbito do mesmo processo de implantação da Reforma na Suíça, foi revisto o quadro jurídico, que também permitiu uma mudança de «paradigma no gesto pastoral» e um investimento no «corpo místico da cidade» para defender e afirmar a sua fé (de que se ocupou G. Gross). Além disso, a Reforma também impôs mudanças de perspetiva sobre a presença de comunidades monásticas ou conventuais femininas nas cidades. Elena Guillenard exemplificou-as com o estudo de dois casos: o convento dominicano de Saint-Guilhem em Montpellier e a saída das religiosas de Genebra, contada pela pena da religiosa Jeanne de Jussie. Com o seu estudo procurou interrogar e discutir em que medida a Reforma agitou a relação de intimidade e tradicional vizinhança entre conventos femininos e espaço urbano, que vinha já dos séculos XIII e XIV, e que, também ela, não foi destruída sem conflitos e exposição pública das opções espirituais das religiosas.

Ainda no plano das «guerras de religião» (1562-1598) se situam várias «provas de invisibilidade» para escapar de perseguições dramáticas e jogo entre a vida e a morte, como procurou mostrar Jérémie Foa, partindo da hipótese de que a guerra civil «implique une réarticulation du visible et de l'invisible», constituído este por heréticos e políticos que escondem ou dissimulam as suas ideias, mas também objetos que as podem denunciar, para não serem detetadas/os ou identificadas/os. Por isso conclui que «la ville de la guerre civile est un universo qu'il faut palper, fouiller, gratter» (p. 150).

A visibilidade do religioso também passou pelas perspetivas satíricas, por via da crítica (em clave de retórica carnavalesca) à submissão da religião à política, como as que fez desfilar a *Satyre Ménippée*, saída da mão de políticos e eclesiásticos parisienses nos finais do século XVI, depois de uma reunião, em 1593, dos Estados Gerais para eleição do rei (de que se ocupou M. Bernard).

A essa visibilidade não escapou o processo de criação, por Édito de Versailles de 1787, dos cemitérios protestantes nos finais do século XVIII, para corrigir os efeitos da revogação do édito de Nantes de 1685 que conduziu ao enterro clandestino dos protestantes em jardins, vinhas ou caves. Após um século de proibição do seu enterro segundo ritos calvinistas, o Édito de Versailles de 1787 veio defender a atribuição pelas autoridades municipais de um terreno «conveniente e decente» para a inumação de não católicos. O estudo de D. Boisson sobre esta temática centra-se sobretudo na província da Normandia (mais concretamente Alençon e Rouen), procurando compreender o modo como as autoridades católicas ou municipais reagiram a esta determinação e se ela provocou tensões nestas cidades.

Aos efeitos religiosos da Revolução francesa são dedicados dois estudos. O primeiro, de M. Cottret, tenta mostrar como o impacto no poder do clero, dividindo-o entre o «clero constitucional» e o que permaneceu fiel a Roma e dando lugar a uma crescente descristianização e consequente ataque ou redução da liberdade de culto, tem ainda dimensões que requerem busca ou releitura de fontes, nomeadamente as que resultam das resistências – mais ou menos clandestinas – a este movimento de descristianização. M. Cottret analisa diversas facetas dos «combates» do jornal jansenista *Nouvelles ecclésiastiques*, publicado entre 1792 e 1795, evidenciando as polémicas que dividiram o clero e os seus poderes. O segundo, de M. Hermant, está focado na análise da visibilidade do religioso num momento central do calendário litúrgico

da sociedade de antigo regime, o encontro sumptuoso da Igreja com a população nas ruas de Paris na «Fête-Dieu» – do Santíssimo Sacramento –, entre 1789 e 1793. Nele se evidencia também o «projet visuel des autorités révolutionnaires», as incertezas do momento, as dificuldades de conciliação entre a afirmação do direito à procissão dos católicos e a «regeneração revolucionária», a resistência dos católicos às restrições impostas às procissões ou, mesmo, a sua renúncia a abdicar das suas práticas religiosas em que radicava a sua identidade.

O tema que organiza os oito estudos incluídos na terceira parte do livro engloba os «visibles réinterprétés» (p. 201-312). Respeitando igualmente a ordem cronológica dos assuntos abordados, as perspetivas que o discutem são claramente multidisciplinares. Cobrem áreas diversas, como as que têm como objeto e foco o Direito Canónico na Idade Média (que não pode prescindir de uma visão normativa da religião e do religioso, não confundíveis como adverte C. Leveleux-Teixeira, que centra a sua análise em duas categorias jurídicas, a do sacrilégio e a do escândalo, essencialmente o que resulta da blasfémia ou da heresia); ou como as analisadas sob o prisma da História da Arte, exemplificado com a presença e reativação das imagens de profetas e santos protetores na Florença do século XVI (de que se ocupa C. Beuzelim, com foco especial nos significados da estátua de David, de Miguel Ângelo, e da *Pala de Sainte Anne* de Pontorno); ou a «dolorosa visibilidade da heterodoxia» na Modena do século XVI, estudada por L. Felici, com base na análise das manifestações religiosas heterodoxas da Academia modenense, que permitiram discutir não só as fronteiras entre espaço público e privado e entre visível e invisível que o religioso sempre integra, mas também o impacto social das ideias religiosas; ou as reconfigurações ou reapropriações do religioso depois de catástrofes, em particular as provocadas por fenómenos violentos, como sejam tremores de terra ou o fogo, que destruíram também espaços sagrados nos séculos XVII e XVIII, reconfigurações essas que suscitaram pertinentes questões colocadas e discutidas por A. Cabantous; ou o impacto sensorial, discursivo e, sobretudo, visual da entrada de um novo bispo numa cidade e sua catedral, como é o caso de todo o cerimonial da entrada do primeiro Bispo de Blois na catedral *Saint-Louis* (antes igreja *Sainte Solenne*), em 1698, estudado por J.-B. Chantôme; ou os significados e as influências de diversificados tipos de cerimónias religiosas que incluíam procissões, como as que são descritas no *Mercure galant* de Donneau de Visé, aparecido entre 1672 e 1710 e que levam a autora do estudo, Anne Piejus, a olhá-las na perspetiva da «histoire sonore des cérémonies religieuses», ou seja, da sua «audibilidade» (sobretudo musical, mas também ruído), enquanto contraponto da visibilidade do religioso, ou seja, realçando a questão da ocupação sonora, complementar à visual, do espaço urbano. Encerra esta terceira parte o estudo de L. Cuvelier sobre o conflito que, em 1756, opôs o bispo de Troyes, Mathias de la Rivière, ao Parlamento de Paris, que permite falar da «visibilidade das instituições católicas sobre os muros de Paris no século XVIII». Essa visibilidade – e toda a polémica que a alargou – resultou dos mandatos, ordens e instruções pastorais mandados afixar pelo bispo contra os jansenistas, a que o Parlamento retorquiu com medidas para impedir a sua afixação e para os tornar invisíveis, declarando-os «imprimés calomnieux», mandando-os retirar ou cobrir e despoletando um ataque claro à popularidade do bispo, não sem reação do clero que com ele partilhava as mesmas perspetivas críticas.

A quarta parte da obra, enquadrada pelas «métaphores urbaines et fronteires du visible» (p. 313-368), transporta-nos para um plano distinto dos anteriores, mais concetual e focado em ideias, modelos ou ideais cristãos que diversas obras (utópicas, histórico-doutrinárias e

literárias) foram trabalhando e difundindo nas sociedades modernas. M.-C. Phélippeau, partindo das conclusões de S. Agostinho na *Cidade de Deus* e da lembrança dos modelos de uma cidade ideal terrestre desenhados por autores renascentistas, ocupa-se das três famosas *Utopias* renascentistas/modernas (a *Utopia* de Tomás Moro, a *Cidade de Deus* de T. Campanella e a *Nova Atlântida* de F. Bacon), tendo em vista identificar a presença de « valeurs communes aux préceptes augustiniens», mas também a sua originalidade resultante da sua «inscription dans une époque marquée par de grands bouleversements religieux» (p. 315).

À análise da *Histoire des persecutions et martyrs de l'église de Paris* (1563) de Antoine de la Roche Chandieu, um dos organizadores da Igreja reformada em França, dedica N. Lombart o seu estudo sobre as práticas religiosas dos protestantes, situando-as num contexto polémico em torno da visibilidade ou invisibilidade dessas práticas, a que um novo género literário – o martirológio protestante – veio dar resposta. Realçando o seu contributo para um «scénographie urbaine qui apparaît comme une reconquête symbolique de l'espace urbain», este estudo procura mostrar como a escrita martirológica de Antoine de La Roche Chandieu, fixando a memória de mártires protestantes através da topografia, procurou recuperar o «território perdido da cidade» com novos «santos mártires» e dar-lhes maior visibilidade. Analisado à luz da distopia, por M. De La Gorge, está o *Mappe-monde nouvelle papistique* (1566) de Jean-Battiste Trento, um mapa alegórico da cidade de Roma que tem associado um folheto explicativo, mapa pleno de simbologia só compreensível à luz das ideias reformadoras do século XVI e da controvérsia antipapal que alimentaram. Do «Templo de Salomão» no *Traité de l'amour de Dieu* de S. Francisco de Sales se ocupa T. Gueydier, numa análise de propósitos e sentidos que confluem no reconhecimento do lugar da interiorização – logo, do invisível – na mística católica, na relação íntima com Deus, que acompanhou secularmente o cristianismo. Conclui esta quarta parte o estudo de J. Hopes sobre os espaços de oração em tratados devocionais em Inglaterra, dos séculos XVI ao XVIII, situando-os no contexto da sensibilidade desenvolvida pelo protestantismo inglês, mas realçando também a sua proximidade com tratados devocionais não anglicanos. Além disso, não divergem na tipologia dos espaços para a sua prática: a oração em locais de culto, a oração familiar, nos espaços da casa, a oração privada em local privado. A análise de alguns textos permitiu-lhe confirmar a importância da oração para a interiorização da fé e a sua individualização, sem a qual a oração coletiva não seria mais que hipocrisia, e para a adoção de uma regra de vida que define a relação do indivíduo com Deus.

A diversidade de estudos, de abordagens, de questões teóricas, metodológicas e analíticas que esta obra nos traz deixa bem claro o quanto, como bem conclui Gaël Rideau, «le religieux est polymorphe et son expression inonde les différents domaines de la société» (p. 369). Os seus variados rituais, práticas ou vivências, as diversificadas imagens, os múltiplos textos, assim como as polémicas e relações políticas que muitas vezes suscitaram, são manifestações ou expressões eloquentes dessa importante presença na Época Moderna. Esta obra faculta não só importantes resultados de investigação, mas também muitas questões e perspetivas que, exploradas multidisciplinarmente, permitirão dar continuidade ao esforço de compreensão das múltiplas dimensões do fenómeno religioso nessa época e das suas marcas profundas na evolução histórico-cultural europeia.